



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

GABRIELLY FARIAS NASCIMENTO

**RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MIDIÁTICO - VOZARIO FEMININO: UM
PODCAST SOBRE A HISTÓRIA E A RESISTÊNCIA DE MULHERES
TRABALHADORAS**

**CAMPINA GRANDE
2025**

GABRIELLY FARIAS NASCIMENTO

**RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MIDIÁTICO - VOZARIO FEMININO: UM
PODCAST SOBRE A HISTÓRIA E A RESISTÊNCIA DE MULHERES
TRABALHADORAS**

Relatório do Podcast apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Modalidade: Produto midiático

Orientadora: Prof^ª. Esp. Katharine Nóbrega Da Silva

**CAMPINA GRANDE
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244v Nascimento, Gabrielly Farias.

Vozerio feminino: um podcast sobre a história e a resistência de mulheres trabalhadoras [manuscrito] / Gabrielly Farias Nascimento. - 2025.

48 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Esp. Katharine Nobrega da Silva, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Podcast. 2. Jornalismo Cultural. 3. Trabalho. 4. Feminismo Interseccional. I. Título

21. ed. CDD 070.4

GABRIELLY FARIAS NASCIMENTO

VOZARIO FEMININO: UM PODCAST SOBRE A HISTÓRIA E A RESISTÊNCIA DE MULHERES TRABALHADORAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em: 11/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Katharine Nobrega da Silva** (**.546.124-**), em **14/06/2025 16:11:25** com chave **5dff6720495311f087de1a1c3150b54b**.
- **Antonio Roberto Faustino da Costa** (**.779.704-**), em **14/06/2025 17:20:05** com chave **f57c8f7a495c11f0b8be1a7cc27eb1f9**.
- **Débora Marx Batista de Melo Chaves** (**.825.144-**), em **17/06/2025 07:55:11** com chave **8a6290404b6911f082d82618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 17/06/2025

Código de Autenticação: d3e22b



A Wanda, Maria Januário, Jerusa, Sandra Lúcia e Maria Lúcia, raízes fundas no chão da memória, mulheres que me ofertaram o sopro da vida em forma de história.

E a todas as que bordam o mundo no avesso do tempo, que plantam auroras com as próprias mãos e fazem da rotina um canto invisível de resistência.

Que este trabalho seja rio que guarda, vento que espalha, semente que escuta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, Simone e Valdeir, por todo o esforço e dedicação ao longo da minha jornada acadêmica. Por terem abdicado de tantas coisas para que eu pudesse me formar, e por todo o incentivo e apoio durante esses quatro anos.

Aos meus irmãos, Bruna e Victor, e à minha sobrinha, Lara, pelo carinho e suporte ao longo do caminho. Às minhas tias, Bernadete e Severina, pelo incentivo e apoio na minha permanência em Campina Grande.

Ao meu amigo Lincon, que esteve comigo desde o primeiro semestre do curso, sem você, tudo teria sido muito mais difícil. A todos os meus amigos, que tornaram essa caminhada mais leve e divertida, meu sincero agradecimento.

À Universidade Estadual da Paraíba e a todo o corpo docente, por todo o conhecimento compartilhado e pela dedicação ao longo desses anos. Em especial, à professora Katharine Nóbrega da Silva, por ter, desde o início, acreditado neste projeto, pelos ensinamentos, por todo o incentivo e, acima de tudo, pela paciência.

A quem esteve comigo no início de tudo isso, mas que, por algum motivo, hoje não está tão presente: não me esqueço do apoio que recebi.

Sem vocês, eu não teria conseguido. Obrigada por tudo.

*“A função da arte é mais do que dizer
como as coisas são, é imaginar o que é
possível.”*

— *Bell Hooks*

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo de criação do podcast *Vozerio Feminino*, uma proposta de jornalismo cultural em formato digital que narra histórias de mulheres trabalhadoras por meio de crônicas sonoras. O objetivo principal é valorizar os saberes populares e a trajetória de mulheres que atuam em profissões tradicionais, muitas vezes invisibilizadas pelos meios de comunicação. A pesquisa parte de uma perspectiva feminista interseccional, embasada em autoras como Bell Hooks, Heleieth Saffioti e Guacira Lopes Louro, articulando reflexões sobre gênero, trabalho e comunicação. O projeto também se fundamenta em conceitos do jornalismo literário e narrativo, além de explorar as potencialidades do podcast como linguagem de escuta sensível e afetuosa. O projeto busca contribuir para a valorização das vozes femininas no mundo do trabalho, criando um espaço de memória, reconhecimento e transformação social. Trata-se de uma experiência estética e política que reafirma o potencial do jornalismo cultural para promover escuta, reparação simbólica e democratização da informação.

Palavras-chave: podcast; jornalismo cultural; trabalho; feminismo interseccional.

ABSTRACT

This work presents the creative process behind the Vozerio Feminino podcast, a digital cultural journalism project that tells the stories of working women through sonic chronicles. Its main goal is to highlight popular knowledge and the life paths of women engaged in traditional professions, often rendered invisible by mainstream media. The research is grounded in an intersectional feminist perspective, drawing on authors such as Bell Hooks, Heleieth Saffioti, and Guacira Lopes Louro, and weaves together reflections on gender, labor, and communication. The project is also based on concepts from literary and narrative journalism, while exploring the potential of podcasting as a medium for sensitive and affectionate listening. The podcast seeks to uplift women's voices in the world of work, creating a space for memory, recognition, and social transformation. It is both an aesthetic and political experience that reaffirms the potential of cultural journalism to foster listening, symbolic reparation, and the democratization of information.

Keywords: podcast; cultural journalism; labor; intersectional feminism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Entrevista com Maria Januário e Entrevista com Maria Lúcia.	26
Figura 2: Entrevista com Wanda e Entrevista com Jerusa	26
Figura 3 Entrevista com Sandra Lúcia e Gravação do podcast.....	27
Figura 4 Logomarca desenvolvida para o podcast e Aplicação da logomarca na interface do Spotify.....	29
Figura 5 Captura de tela do CapCut Pro, utilizado no processo de edição.....	31
<i>Figura 6 Captura de tela do post de divulgação da lista de transmissão do whatsapp; Cartaz de divulgação físico.; Captura de tela do cartaz de divulgação para stories do Instagram.....</i>	<i>33</i>
Figura 7 Captura de tela do painel do Spotify for Podcasters.....	34
Figura 8 Captura de tela de fontes de tráfego e descoberta do podcast	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1. Feminismo, trabalho e interseccionalidade.....	11
2.1.1. A mulher e suas relações com o trabalho.....	13
2.2. Jornalismo Cultural.....	14
2.3. Jornalismo Literário e Jornalismo Narrativo.....	15
2.3.1. Crônica.....	17
2.4. Jornalismo Digital.....	19
2.5. Podcast.....	21
3. PESQUISA E COLETA DE DADOS.....	23
4. PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO.....	24
4.1. Concepção e nome Podcast.....	24
4.2. Objetivos.....	24
4.3. O público-alvo.....	24
4.4. A escolha das profissionais e gravação das entrevistas.....	25
4.5. Formato e identidade sonora.....	27
4.6. Identidade visual.....	28
4.7. Roteirização.....	29
4.8. Gravação e Edição.....	30
4.9. Orçamento.....	32
4.10. Divulgação e Repercussão.....	32
5. CRONOGRAMA DO PROJETO.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

A ideia de contar histórias de mulheres em profissões tradicionais surgiu a partir da reflexão sobre a forma como essas profissões e essas mulheres são vistas - ou invisibilizadas - pela sociedade e sobre como o feminismo contribui para essa discussão. O movimento feminista vem sendo fundamental na luta por igualdade de gênero e visibilidade das mulheres em variados cenários e perspectivas ao longo do tempo, inclusive, na esfera do trabalho. E as diversas áreas da comunicação desempenham papéis essenciais neste percurso, servindo como locais de discussão, contestação e aprendizado.

Nosso propósito é investigar as conexões entre feminismo, trabalho, cultura e comunicação por meio da produção do podcast *Vozerio Feminino*. Em um formato narrativo-literário, a proposta consiste em narrar as histórias dessas mulheres e assim, criar oportunidades de despertar e aprofundar discussões sobre suas lutas diárias e os desafios enfrentados em suas profissões, além de documentar suas histórias e as de seus ofícios.

Foram produzidos cinco episódios com intuito de dar evidência às vivências de mulheres cujas trajetórias profissionais são marcadas por saberes tradicionais, valorizando suas narrativas e destacando a importância dos meios de comunicação como uma ferramenta para amplificar essas vozes. É importante destacar que, neste projeto, o trabalho é visto sob uma perspectiva cultural, pois os ofícios das personagens - como os de rendeira, rapadeira de mandioca, costureira, artesã e agricultora - estão profundamente enraizados em saberes tradicionais e práticas comunitárias, transmitidas de geração em geração como parte de uma identidade coletiva.

Dessa forma, a escolha deste tema é fundamentada em diversos elementos de importância social, cultural e jornalística. É essencial reconhecer que apesar do papel significativo das mulheres na sociedade, suas vidas, vontades e vozes foram e ainda são frequentemente silenciadas. Daí a relevância de promover ambientes onde suas narrativas possam ser divulgadas e tenham chances reais de serem ouvidas.

O formato podcast foi escolhido considerando as suas possibilidades de alcance no mundo digital e suas qualidades narrativas. A linguagem sonora proporciona a criação de diversos ambientes de escuta com grande potencial de aproximação com o público, principalmente quando há vivências compartilhadas. O podcast é um

formato que gera novos territórios e se enquadra nas novas práticas de produção e consumo do jornalismo digital, se tornando um meio de democratização da informação, de criação e valorização dos mais diversos discursos.

O *Vozerio Feminino* representa uma abordagem original de jornalismo cultural em suporte digital. No formato de crônicas sonoras, a proposta é unir consciência social e sensibilidade. Ao mesclar entrevistas com narrativas e atmosferas auditivas fundamentadas nas próprias vozes das entrevistadas, foram produzidos textos que incorporam a poesia do cotidiano na fala de cada uma delas.

As crônicas foram construídas buscando respeitar ao máximo as perspectivas das próprias mulheres, pois acreditamos que isso amplia o debate e provoca a reflexão sobre a necessidade de repensar estereótipos de gênero, ao mesmo tempo em que valoriza o seus esforços e saberes e apoia medidas que promovam empoderamento e igualdade na formação de uma sociedade mais crítica e engajada.

Este relatório traz reflexões sobre as referências necessárias para contemplar a interdisciplinaridade envolvida na produção desse podcast. O referencial teórico é composto: por apontamentos sobre feminismos e a relação das mulheres com o trabalho - fundamentais para o planejamento e aprimoramento da ideia, do conceito e para a construção dos roteiros; por questões que embasam a produção técnica - como o jornalismo cultural, literário, narrativo e digital, que oferecem o formato e o suporte para o projeto; e pelo relato da experiência e dos pormenores de planejamento, produção e pós produção do podcast.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Feminismo, trabalho e interseccionalidade

O feminismo é um movimento multifacetado e dinâmico, com diversas linhas de atuação e propósitos, mas que, essencialmente, busca extinguir a repressão fundamentada no gênero. Em “O Feminismo é Para Todo Mundo”, Bell Hooks (2018) argumenta que o movimento deve ser mais abrangente e levar em conta diversas perspectivas, indo além da questão de gênero e incorporando outras formas de subjugação como raça, classe social e orientação sexual.

A autora defende um feminismo acessível e salienta que, para haver de fato uma transformação na sociedade, ele precisa reconhecer as experiências das mulheres

marginalizadas que mais sofrem com as disparidades e que mais foram silenciadas ao longo da história, tanto pelo patriarcado, quanto por algumas vertentes do próprio feminismo mais tradicional. Como a autora aponta:

Quando o movimento feminista começou, os problemas apresentados como mais relevantes eram aqueles diretamente ligados às experiências de mulheres brancas com alto nível de educação (a maioria com privilégios materiais). (Hooks, 2018, p. 49).

Nesse sentido, ao pensar nas relações entre feminismo e trabalho, é imprescindível considerar também a classe social e as desigualdades estruturais que se projetam nesse âmbito. O feminismo tradicional frequentemente priorizou as pautas das mulheres brancas de classe média e alta, e negligenciou a realidade de mulheres periféricas e racializadas.

Bell Hooks (2018) critica essa visão limitada e enfatiza que combater a opressão sexista sem considerar a exploração econômica é um grande equívoco, pois não contempla a realidade da maioria. O feminismo deve, portanto, se unir à luta de classes para assegurar que todas as mulheres tenham direitos trabalhistas justos, salários adequados e boas condições de trabalho. Afinal, não faz sentido lutar por autonomia e igualdade sem considerar que as oportunidades não são iguais para todas e que muitas mulheres não têm sequer acesso a condições básicas de vida.

Além disso, o sistema capitalista intensifica desigualdades ao explorar a mão de obra feminina barata, relegando a maioria dessas mulheres empregos informais, precários e desvalorizados, como o trabalho doméstico. Como Hooks (2018) aponta, a ideia de "conciliar trabalho e família" pode parecer um avanço para algumas, mas para muitas outras é apenas uma forma de sobrevivência, distante de qualquer noção real de progresso.

Outro ponto crucial na discussão em torno da construção de um feminismo transformador é a interseccionalidade, conceito amplamente discutido por Kimberlé Crenshaw (1989) e Bell Hooks (1980). De acordo com essa abordagem, os marcadores sociais como raça, classe, gênero e sexualidade não atuam isoladamente, e a sobreposição de desigualdades cria situações muito diversas entre as mulheres. Ignorar isso enfraquece o movimento. O feminismo precisa escutar e incluir estas vozes para não repetir os mesmos padrões hierárquicos que tenta combater, já que é fato que mulheres negras, indígenas, LGBTQIAPN+ e de

comunidades periféricas enfrentam uma opressão que não pode ser analisada apenas pela perspectiva de gênero.

Acima de tudo, o feminismo precisa ser prático e ultrapassar os espaços acadêmicos para alcançar ações concretas. Isso significa apoiar sindicatos, movimentos comunitários e projetos sociais que lutam por direitos trabalhistas e igualdade de oportunidades. A educação também desempenha um papel fundamental, pois, como Hooks (2018) defende, é através do conhecimento que podemos desconstruir as normas impostas e promover mudanças efetivas. Mas esta educação não pode se restringir às universidades e a um pequeno grupo, precisa ser acessível a todas as pessoas, especialmente àquelas que mais necessitam.

Bell Hooks (2018) enfatiza como é crucial envolver os homens nessa causa. O sistema patriarcal prejudica as mulheres, mas também estabelece expectativas severas sobre o que é ser homem, impactando-os negativamente. Para quebrar essas regras e construir uma sociedade mais justa, é fundamental que todos participem da discussão, sem deixar ninguém de fora.

Por fim, ao discutir as batalhas das mulheres no ambiente profissional, transformar isso em produto cultural e disponibilizar gratuitamente, pretende-se contribuir minimamente para fomentar discussões sobre o assunto com base em um feminismo autêntico, combativo e inclusivo. A persistente luta das mulheres no trabalho tem sido frequentemente ignorada, mas é exatamente aí que reside o potencial de mudança social defendido pelo feminismo.

2.1.1. A mulher e suas relações com o trabalho

Falar sobre gênero e trabalho é algo que precisa ser feito com cuidado, porque envolve tanto a história quanto o cotidiano de muitas mulheres. Quando pensamos em gênero, não estamos falando só de diferenças entre homens e mulheres, mas de algo que é construído socialmente, todos os dias, nas relações e nos discursos.

Guacira Lopes Louro explica que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 1997, p.20). Isso quer dizer que os determinismos biológicos não definem o que é ser mulher ou homem pois esses papéis são construídos socialmente. Nós os aprendemos, até porque eles são reforçados e cobrados constantemente. No mundo do trabalho, essas construções

afetam diretamente quem tem acesso às melhores oportunidades ou não.

Heleieth Saffioti aprofunda essa ideia ao afirmar que “a mulher é oprimida enquanto mulher e enquanto membro de uma classe social explorada” (SAFFIOTI, 2013, p.45). Isso mostra que as desigualdades não estão só na questão de gênero, mas também na classe social. Ou seja, não dá para separar o fato de ser mulher do lugar social em que essa mulher está. Uma trabalhadora rural, por exemplo, enfrenta barreiras bem diferentes de uma mulher com ensino superior e estabilidade financeira. E ambas têm suas lutas.

A linguagem também é um ponto importante nesse processo. Louro aponta que “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui, ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (LOURO, 1997, p.65). Isso significa que a forma como falamos, escrevemos e representamos as mulheres influencia diretamente no modo como elas são vistas, inclusive no trabalho. É por isso que contar essas histórias importa tanto - e a forma de contá-las também. É uma maneira de romper com o silêncio e de dizer que essas mulheres existem, resistem e constroem o país todos os dias.

Saffioti também lembra que “a emancipação feminina é, pois, problema complexo cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica” (SAFFIOTI, 2013, p.46). Não basta garantir emprego para as mulheres, é preciso transformar as estruturas culturais, sociais e políticas que ainda colocam o trabalho feminino em segundo plano ou o desvalorizam completamente. O reconhecimento e o respeito são passos fundamentais.

É aqui que o jornalismo assume uma função fundamental, pois a forma que a mídia retrata as mulheres pode contribuir para reforçar estereótipos ou para romper com eles. Por isso, ao traduzir a história dessas mulheres no mundo do trabalho na forma de crônicas sonoras, é essencial pensar também na linguagem, na narrativa e no enquadramento documental dessas vivências. Isso nos leva ao encontro do jornalismo cultural como um espaço possível para essas discussões.

2.2. Jornalismo Cultural

O jornalismo cultural tem um papel importante, que é o de aproximar a sociedade de suas diversas expressões simbólicas. Segundo Frantjesco Ballerini (2015), esse tipo de jornalismo busca entender os fenômenos culturais, ajudando o público a

compreender não só a manifestação cultural em si, mas também seu impacto histórico e social. Dessa forma ele deve ser um mediador que conecta, entregando interpretações críticas e levando em consideração o contexto histórico e os impactos sociais de tais manifestações.

A cultura, como afirma Albuquerque Júnior (1999), não é algo fixo, mas um campo onde diferentes grupos sociais disputam o reconhecimento de suas expressões. Ao dar voz a mulheres que, mesmo historicamente ignoradas, perpetuam a cultura e tradição por meio de suas práticas de trabalho, o podcast, quebra formas tradicionais de representação. Nesse sentido, a cultura se revela como espaço de resistência e reinvenção, em constante transformação.

Hoje, com a globalização e o avanço das tecnologias digitais, o jornalismo cultural enfrenta novos desafios. Néstor García Canclini (2003) argumenta que a cultura ficou mais híbrida, misturando elementos locais e globais de forma contínua. Esse cenário exige abordagens que considerem a interconectividade cultural e as mudanças causadas pelas novas tecnologias, como o uso de formatos digitais no jornalismo. Nosso podcast adota o formato digital com o objetivo de conectar e articular memórias femininas em territórios específicos - feiras, ateliês, quintais, campo - a audiências espalhadas em redes globais de escuta.

Essa articulação entre o local e o global, mediada por ferramentas digitais, torna possível encurtar distâncias e ampliar o alcance de experiências culturais que antes estavam restritas a contextos específicos. O podcast, como meio de comunicação cultural, opera nessa fronteira, possibilitando que essas histórias se desloquem de suas origens e ganhem novos sentidos ao serem ouvidas por públicos variados. E para transformar essas vivências em histórias que emocionam, recorreremos ao Jornalismo Literário e suas ferramentas narrativas capazes de traduzir informação e cultura em emoção e crítica social.

2.3. Jornalismo Literário e Jornalismo Narrativo

O jornalismo literário combina a precisão dos fatos com técnicas narrativas da literatura, se constituindo como uma área que amplia possibilidades e formas de contar histórias reais com emoção e sensibilidade social. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), o resultado dessa junção de jornalismo e literatura resulta em uma narrativa não ficcional com apurado compromisso com rigor dos fatos, e que se utiliza

de ferramentas estilísticas da literatura para contar histórias com profundidade. Esse fazer jornalístico exige uma imersão no mundo dos personagens, para só então construir uma narrativa que parta da observação direta e do envolvimento com o cotidiano. Segundo o pesquisador Bruno Pessa,

o jornalismo literário estende a ideia de momento contemporâneo reportado, realizando uma cobertura menos fugaz, fugidia e provisória dos fatos, contextos e personagens sobre os quais se debruça, por se soltar das amarras inerentes ao jornalismo de pirâmide" (Pessa, 2024, p.3)

Trata-se de um gênero que rompe com o formato tradicional da notícia, que geralmente utiliza uma linguagem direta, objetiva e distante de traços emocionais. A abordagem literária abre espaço para subjetividades e para a incorporação de traços poéticos da realidade. No jornalismo ela é muito usada para contar histórias marcadas por complexidades sociais das quais a linguagem tradicional não daria conta. Lima (2009) defende que a prática do jornalismo literário pode e deve ser usada como um instrumento de transformação social.

Historicamente, o jornalismo literário começou a se destacar no século XIX. No Brasil, esse gênero ganhou força com grandes nomes do jornalismo e da literatura, como Euclides da Cunha, com sua obra *Os Sertões*, e João do Rio, com suas crônicas sobre a vida nas cidades, retratando com sensibilidade e observação atenta a vida urbana carioca. Estes são considerados os primeiros autores do gênero no país, e os seus escritos mostram como capturar nuances que um jornalismo estritamente factual poderia deixar de lado.

Já o jornalismo narrativo contemporâneo se estrutura como um campo que valoriza a escuta atenta e a construção de histórias reais com ética e profundidade, se distanciando de uma lógica fria e demasiadamente objetiva. Esse tipo de jornalismo dialoga com o jornalismo literário mas se expande, pois explora novas formas de contar histórias que absorvem as características das mídias digitais.

Segundo Felipe Pena (2006), o que caracteriza o jornalismo narrativo é sua estrutura livre e criativa, que permite a utilização de uma lógica mais emocional mesclada ao factual, o que permite que o público se conecte de forma mais profunda e afetiva com a história contada. O profissional dessa área precisa ir além da precisão e da ética, mas possuir também certa sensibilidade estética diante das histórias retratadas.

No caso de podcasts, essa sensibilidade precisa ser direcionada à escuta. Rui Cipriano (2020) defende que o podcast ativa uma escuta afetiva, pois privilegia a voz humana, os silêncios, as pausas e as ambiências sonoras na construção de uma narrativa mais imersiva, que busca deslocar o ouvinte para o universo emocional da história.

O Vozerio Feminino faz uso do estilo narrativo-literário para enriquecer emocionalmente a forma como as histórias são contadas e proporcionar maior imersão ao público. A construção de um espaço narrativo que priorize e respeite as vozes femininas exige comprometimento com a verdade dos fatos e sensibilidade para retratar as lutas de forma respeitosa e impactante.

Dessa forma, ao se apropriar das estratégias do jornalismo literário e narrativo, pretendemos potencializar o impacto das histórias, oferecendo não apenas informação, mas uma experiência de escuta e empatia. Afinal, contar a história das mulheres em profissões tradicionais é, além de um ato jornalístico, um compromisso com a memória, a resistência e a transformação social.

2.3.1. Crônica

A crônica ocupa uma posição peculiar entre jornalismo e literatura, transitando entre os dois de forma única. Ela parte da observação do dia a dia de maneira subjetiva e, como destaca Yolanda Maria Muniz Tuzino, “é um texto que informa através do enfoque autoral, subjetivo, opinativo, parcial” (Tuzino, 2009, p. 2), muitas vezes sob a perspectiva pessoal do cronista. Essas características permitem que o escritor compreenda e interprete as nuances cotidianas com sensibilidade e profundidade afetiva.

A palavra “crônica” tem sua origem no grego *chronos* (tempo), inicialmente referindo-se a narrativas organizadas de forma temporalmente sequencial (Antônio Geraldo da Cunha, 2001). Com o passar do tempo, no entanto, esse estilo evoluiu, deixando de ser apenas uma sucessão de eventos para ganhar maior flexibilidade. Como observa Antonio Candido, a crônica “faz da banalidade do cotidiano uma matéria-prima da literatura” (Candido, 1987, p. 15). Assim surgiu um ambiente de escrita mais descontraído e contemplativo, em que o cronista não apenas relata os acontecimentos, mas também os interpreta e interage com eles de forma subjetiva.

Com foco no presente, a crônica se difere de outros gêneros, como o romance

ou o conto, já que esses trabalham com estruturas temporais mais elaboradas. Isso dá ao escritor uma margem de interpretação que nenhum outro estilo jornalístico possibilita. Como afirma Tuzino (2009, p. 15), “a crônica possibilita uma liberdade de criação rica e muito peculiar justamente em consequência de sua natureza textual híbrida”.

Trata-se, portanto, de um gênero híbrido que pode surgir de uma notícia, ou de uma entrevista, mas que, ao incorporar elementos literários, ganha profundidade interpretativa e criativa. Dessa forma, tem o potencial de transformar-se em uma expressão artística que possibilita uma reflexão mais ampla sobre questões sociais, culturais e existenciais.

No contexto atual, em um tempo marcado pelo excesso de informações e superficialidade narrativa, a crônica pode se mostrar com um espaço de pausa e contemplação. Ainda que adaptada às linguagens digitais, ela mantém sua essência de provocar reflexão a partir das coisas simples do cotidiano. É aqui que se encontra seu potencial transformador, pois continua única em sua capacidade de transformar a realidade em poesia. Como argumenta Candido: “a crônica tem a capacidade de extrair o extraordinário do cotidiano comum” (Candido, 1987, p. 17).

No projeto *Vozerio Feminino*, a crônica assume um formato sonoro e surge como um recurso fundamental para traduzir as trajetórias das personagens. Construídas com base em entrevistas e relatos, elas também carregam uma liberdade poética que permite contar tais histórias com empatia e sensibilidade.

Ainda que o termo “crônica sonora” seja algo relativamente novo, esse formato já existia desde o rádio, transpondo o formato tradicional de narrativas breves sobre o cotidiano para ambientes sonoros, ao unir a ela elementos como ritmo, entonação e paisagens sonoras.

Essa fusão entre texto e sons pode ser pensada a partir da noção de crônica-canção, apresentada por Marcelo Pessoa (2021, s/p), que descreve o formato como uma combinação inseparável entre o conteúdo textual, a carga poética e os elementos sonoros. Para ele, “na crônica-canção obrigatoriamente se reúnem simultaneamente e de modo interdependente e indissociável a matéria textual (em prosa ou verso), a substância poética, e o ingrediente sonoro”. Esse conceito se aproxima do que nós entendemos como crônica sonora.

Vale salientar que com as possibilidades do digital este formato ganha novos contornos e dinâmicas de produção e circulação. Com o crescimento dos meios

digitais e das linguagens multimídia, a crônica também passou a ser experimentada em formatos mais interativos e sensoriais. Zanetti, Reis e Barbosa (2024, p. 1) destacam como esse processo de adaptação tem ampliado o diálogo entre quem produz e quem consome: “a web oferece diversos recursos para a produção de crônicas multimídias, provocando uma maior imersão do público e mais trocas entre leitores e jornalistas”.

Nesse contexto, o podcast surge como uma reinterpretação do gênero, se propondo a ser uma ferramenta de resgate da tradição oral que começou no rádio, mas que agora absorve também as características das narrativas contemporâneas da era da convergência digital.

2.4. Jornalismo Digital

Com a chegada da internet, o jornalismo passou por grandes mudanças em seus modos de produção, distribuição e na sua relação com o público. Agora ele não está mais apenas nas mãos dos grandes veículos e conglomerados de mídia, ele deixou de ser algo feito só por profissionais da imprensa e passou a ser também construído com a participação ativa do público, que nessa nova configuração jornalística também ocupa o lugar de produtor de conteúdo.

O chamado jornalismo digital oferece mais possibilidades de romper com a lógica mais rígida do jornalismo tradicional e incorpora a produção de comunicadores independentes e usuários comuns, o que amplia a diversidade de vozes e temas que surgem. Ele traz novas formas de contar histórias porque a sua linguagem foi reformulada para fazer uso dos novos recursos de comunicação que vieram com a internet e com a tecnologia digital, como links, vídeos, sons e a interação com o público.

Essa nova forma de fazer jornalismo tem uma estrutura mais flexível, multimidiática e colaborativa, se distanciando da rigidez editorial e da pouca interação com o público do jornalismo de antes. João Canavilhas (2014) explica que esse novo jornalismo tem sete características principais: hipertextualidade, interatividade, personalização, memória, multimedialidade, ubiquidade e instantaneidade.

Essas características não são apenas inovações, mas representam uma verdadeira mudança na cultura da comunicação. A **hipertextualidade** proporcionou a expansão dos textos, que agora se constroem como narrativas não lineares

conectadas por meio de links. A **interatividade** põe o receptor na posição de participação ativa, compartilhando, comentando etc. Já a **personalização** permite ao usuário adaptar o consumo de conteúdo à própria rotina, enquanto os algoritmos filtram a entrega de conteúdo com base no comportamento dos usuários.

A **memória** digital se refere ao armazenamento de conteúdos na internet, que acontece de forma quase ilimitada em termos de espaço. Segundo Canavilhas (2014, p. 24), a internet tem “a capacidade de armazenar e disponibilizar conteúdos permanentemente”. Outra característica que se desenha no uso de diferentes linguagens ao mesmo tempo, como texto, som, imagem e vídeo: é a **multimedialidade**. A **ubiquidade** é a facilidade de acesso - em qualquer lugar e hora, graças à mobilidade e conectividade -, tornando os conteúdos muito mais acessíveis. E por fim, a **instantaneidade** muda a noção de tempo garantindo a publicação e o consumo de informações em tempo real.

Canavilhas (2014, p. 31) diz que “a web é o espaço onde o utilizador adquire protagonismo”. Ou seja, na internet, o público tem voz ativa. Henry Jenkins (2009), ao falar da “cultura da convergência”, mostra como as pessoas hoje, mais que consumidoras de conteúdo, são também participantes ativas que ajudam a construir as narrativas. Isso significa que essas pessoas também querem se ver representadas na mídia. Segundo o autor, “a convergência não se refere apenas a mudanças tecnológicas, mas a mudanças culturais, à medida que os consumidores são encorajados a buscar novas informações e fazer conexões por conta própria” (Jenkins, 2009, p. 27).

É nesse cenário que o podcast *Vozerio Feminino* se encaixa. O projeto usa a internet e o formato em áudio para contar histórias e criar oportunidades de fazer com elas cheguem não apenas a entusiastas sobre o tema e sobre cultura, mas principalmente a mulheres que podem se identificar com as vivências contadas. Como a ubiquidade e a personalização, o conteúdo pode ser escutado a qualquer hora, em qualquer lugar e de forma gratuita, se adaptando à rotina corrida das ouvintes.

A veiculação em plataformas digitais também aciona a instantaneidade, ao mesmo tempo em que constrói memória digital e abre espaço para a interatividade, registrando e disponibilizando as histórias gratuitamente para que possam ser acessadas quando desejado e para que o público possa deixar comentários sobre os episódios.

2.5. Podcast

Para falarmos de podcast devemos, inevitavelmente, lembrar de onde veio esse formato. O rádio nasceu no final do século XIX e rapidamente se consolidou como um dos meios de comunicação mais influentes, pois era - e ainda é - capaz de chegar em lugares que as demais tecnologias não chegam, ou chegam com dificuldade.

Suas características técnicas favoreceram a popularização do meio fazendo dele a ferramenta ideal para passar informações em tempo real, principalmente em contextos de pouca alfabetização e difícil acesso a outros meios. Baixo custo de produção e venda, facilidade de distribuição de sinal em ondas eletromagnéticas, possibilidade de transmissão ao vivo, portabilidade de aparelhos, gratuidade do acesso e simplicidade de uso foram fundamentais para fazer do rádio algo indispensável no cotidiano das pessoas. Ele promoveu a circulação de notícias, cultura e entretenimento de forma acessível, democratizando o acesso à informação.

O rádio continua acompanhando o cotidiano das comunidades, mas agora divide esse espaço com outros formatos sonoros que surgiram com o passar do tempo e a evolução da tecnologia, principalmente a partir dos anos 2000. E é nesse contexto que surge o podcast, como um desdobramento do rádio, mas com características próprias que refletem a era da convergência digital. Giselle Beiguelman (2006) fala que a partir da digitalização, a forma como as mídias são produzidas e recebidas mudou totalmente, inaugurando uma nova relação com público, mais íntima e participativa.

Podcast é uma combinação de iPod e broadcast, e surgiu por volta de 2004. Se trata de conteúdo em áudio distribuído via internet, que pode ser acessado a qualquer tempo e lugar. Para Eduardo Vicente (2010, p. 22), o podcast representa “uma evolução natural do rádio, uma vez que aproveita a familiaridade do formato auditivo, mas oferece maior flexibilidade e personalização ao ouvinte”, ou seja, os formatos sonoros finalmente absorvem a lógica fragmentada do consumo digital e inauguram a escuta personalizada, se aproximando mais do público.

Hoje o podcast é visto como uma das principais evoluções da rádio, pois retém a oralidade e a emoção enquanto se integra perfeitamente ao ecossistema digital. De acordo com Beiguelman, “o podcast resgata a intimidade e a simplicidade do rádio, mas o potencializa com a interatividade e a fragmentação dos meios digitais” (2006,

p. 53).

A partir dessas transformações, o podcast passou a se organizar em diferentes formatos narrativos. Entre os mais comuns estão os podcasts de entrevistas, marcados pela espontaneidade da conversa entre apresentador e convidados, os de mesa redonda ou bate-papo, com linguagem mais informal e colaborativa, os informativos e educacionais, que explicam conteúdos de forma direta, e os narrativos ou documentais, construídos com roteiro, edição, trilhas sonoras e estrutura jornalística.

O podcast *Vozerio Feminino* se insere neste último grupo. Nesse modelo, a escuta é central, e a narração atua como mediadora entre a história de vida das entrevistadas e a experiência sensível do ouvinte. Os podcasts não apenas se adaptaram, mas também reinventaram o que o rádio iniciou, uma comunicação direta e envolvente.

3. PESQUISA E COLETA DE DADOS

Gostaríamos de ressaltar dois aspectos metodológicos importantes do processo: a pesquisa bibliográfica; e a realização de entrevistas como método de coleta de dados.

A construção do referencial teórico foi embasada por uma pesquisa bibliográfica qualitativa com o objetivo de aprofundar os debates sobre gênero, trabalho e jornalismo. A escolha dessa abordagem se justifica pois permite reunir, analisar e articular estudos que discutem de forma crítica as relações de poder que influenciam diretamente a vida de mulheres trabalhadoras, principalmente em contextos de vulnerabilidade social. Essa base teórica orientou desde a formulação do problema até a escolha das entrevistadas e a elaboração da identidade editorial e estética dos episódios.

A coleta de dados foi feita com a realização de entrevistas em profundidade. O objetivo de usar o formato de entrevistas abertas foi o de possibilitar que as falas das entrevistadas surgissem de maneira espontânea, respeitando os tempos e modos de fala. Portanto, mais que um instrumento de coleta de dados, as entrevistas proporcionaram encontros sensíveis. É importante destacar que, por isso mesmo, a narração foi pensada para atuar como mediadora e não como porta-voz.

A entrevista se destaca como um recurso importante no jornalismo, viabilizando uma interação direta entre o jornalista e a fonte. Essa forma de jornalismo possibilita narrativas mais genuínas, oferecendo relatos, visões e dados que enriquecem o conteúdo. Segundo Stela Guedes Caputo (2010), a entrevista enriquece o material jornalístico ao trazer discursos diretos e contextos mais humanos, o que torna a comunicação mais atrativa para o público. Ela não só propaga informações, mas também funciona como um meio de valorização social, garantindo que grupos historicamente esquecidos tenham seu espaço.

4. PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO

4.1. Concepção e nome Podcast

O Vozerio Feminino nasceu do desejo de dar visibilidade às histórias de mulheres em trabalhos tradicionais que, apesar de exercerem papéis fundamentais em suas comunidades, seguem muitas vezes invisibilizadas pelos meios de comunicação. O projeto busca registrar e valorizar os saberes populares dessas mulheres, contados a partir da própria voz delas, com escuta atenta e sensível. A proposta é usar o formato podcast como uma ferramenta de comunicação popular e memória afetiva.

O termo “Vozerio” se refere à mistura de falas, de conversas cruzadas, de sons que vêm de vários cantos, como o barulho bom de uma feira, de uma cozinha cheia, de um quintal com vizinhas trocando histórias. É um som vivo, coletivo, que carrega memórias, afetos e resistências.

Junto da palavra “feminino”, o título ganha seu verdadeiro sentido: um lugar onde as vozes de mulheres podem se juntar. Cada uma com seu jeito de falar, com sua história, com sua força. O podcast é, acima de tudo, sobre escuta. E o nome vem para lembrar que, quando essas vozes se encontram, formam um vozerio bonito, potente e necessário.

4.2. Objetivos

Criar um espaço de escuta e reconhecimento para mulheres que atuam em profissões tradicionais e historicamente menosprezadas, mas que possuem forte carga cultural. Para isso foram estruturadas crônicas com base em cada história, com o objetivo de narrar suas trajetórias, destacando resistências, experiências e saberes. Cada episódio pretende contribuir para a valorização dessas vozes e para a construção de um registro sonoro das vivências femininas no mundo do trabalho.

4.3. O público-alvo

O podcast é voltado para estudantes, pesquisadores e pessoas interessadas nas temáticas de gênero, trabalho e comunicação popular. Mas nosso intuito principal é que esse produto chegue a mulheres que se identifiquem com essas histórias, e que enxergam no trabalho mais que um meio de sobrevivência, mas uma parte

fundamental do que constitui suas identidades.

O projeto também se destina a um público mais amplo, que busca por conteúdos afetivos e educativos sobre a vida real de mulheres comuns, com histórias que inspiram, emocionam e provocam reflexão. Mas espera-se que as histórias provoquem um sentimento de pertencimento e empatia principalmente entre ouvintes de regiões periféricas ou interioranas.

Pretendemos nos comunicar tanto com uma audiência acadêmica, quanto com uma audiência popular, pois a linguagem e o suporte escolhidos permitem o entendimento e absorção do conteúdo inclusive para aqueles que não tem familiaridade com o debate teórico.

4.4. A escolha das profissionais e gravação das entrevistas

As entrevistadas foram Maria Januario dos Santos, Jerusa Alves Lima, Sandra Lúcia Lins, Maria Lúcia Rodrigues de Farias e Ivanilda Maria da Silva, as três primeiras de Alagoas e as duas últimas da Paraíba. Estados selecionados por serem espaços familiares. As personagens foram selecionadas considerando suas trajetórias e tempos de atuação nas respectivas profissões, marcadas por saberes transmitidos oralmente, experiências coletivas e resistências cotidianas. São mulheres com longa vivência profissional e reconhecidas em suas comunidades pelo trabalho que realizam.

Maria Januário e Maria Lúcia foram escolhidas por já fazerem parte do convívio da pesquisadora desde a infância, no município de origem. Jerusa foi localizada por meio de uma busca no Instagram, que levou ao seu perfil como costureira. Sandra Lúcia foi encontrada a partir da publicação de uma amiga em rede social, que compartilhava sua história. Já Ivanilda, conhecida como Wanda, foi localizada por meio do perfil de uma associação de rendeiras do município de Marechal Deodoro (AL), onde a pesquisadora chegou após buscas direcionadas sobre o ofício da renda.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade e o local em que cada uma vive ou trabalha, priorizando ambientes onde elas se sentissem à vontade para falar.

O processo começou em outubro de 2024 e se encerrou em março de 2025. As duas primeiras entrevistadas foram Maria Januário e Maria Lúcia, em Girau do Ponciano, Alagoas. Ambas gravadas no mesmo dia em uma casa disponibilizada pela

filha de Maria Januário, o que facilitou a logística e permitiu um ambiente mais reservado.

Figura 1 Entrevista com Maria Januário e Entrevista com Maria Lúcia.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2: Entrevista com Wanda e Entrevista com Jerusa.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3 Entrevista com Sandra Lúcia e Gravação do podcast



Fonte: Arquivo pessoal

Já a entrevista com Wanda aconteceu na feira de artesanato da Pajuçara, em Maceió. A gravação foi realizada diretamente no espaço de trabalho da entrevistada, durante o período da tarde. Apesar do ambiente ser mais movimentado, foi possível captar a conversa com clareza e manter uma boa qualidade de áudio.

De volta à Campina Grande, foram realizadas as gravações com as duas últimas participantes. A entrevista com Jerusa foi feita em seu ateliê, localizado no bairro Severino Cabral. O local era calmo e adequado para a captação de som. Por fim, a conversa com Sandra Lúcia ocorreu em sua loja na Vila do Artesão, também em Campina Grande, onde foi possível organizar a gravação sem grandes interferências externas.

Todas as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, que orientava a conversa mas permitia flexibilidade para que as entrevistadas compartilhassem suas experiências de forma espontânea. O uso de microfone de lapela e celular possibilitou uma captação eficiente e com qualidade suficiente para edição posterior. A recepção em todos os locais foi positiva e as entrevistadas se mostraram dispostas a contribuir com o projeto, o que colaborou para a construção de um material rico em conteúdo e representatividade.

4.5. Formato e identidade sonora

O podcast é composto por cinco episódios em formato de crônicas sonoras, cada uma dedicada à trajetória de uma mulher trabalhadora e à sua profissão. Os episódios

têm em média de 5 a 7 minutos e foram pensados para serem curtos e envolventes, com histórias construídas a partir das entrevistas e que ganham forma por meio da narração de uma voz feminina que conduz o ouvinte pelas experiências, memórias e sentimentos dessas personagens reais. A proposta é transformar cada vivência em uma narrativa sensível que une informação, afeto e reflexão.

A identidade sonora do podcast é simples, acolhedora e coerente com o universo das entrevistadas. Durante o processo de edição, os episódios tiveram alguns formatos até chegar ao definitivo. A princípio o planejamento e roteiro pretendiam povoar a narração com elementos de ambientação sonora específicos de cada profissão, mas durante o processo percebemos que tais efeitos, por vezes, mais tiravam a atenção da história, do que complementavam a narração. Por esse motivo, optamos por uma trilha sonora suave e delicada que serviu de background e transição, dando o destaque desejado à narração, à história e ao recorte das falas das entrevistadas que foram inseridas para finalizar a narração das crônicas com um toque emocional e humano.

As escolhas narrativas e sonoras foram pensadas para criar um ambiente íntimo entre narradora e ouvinte, favorecendo a construção de vínculos afetivos com as personagens retratadas. Para evitar questões relativas a direitos autorais, a trilha foi desenvolvida com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial, respeitando a estética, a autenticidade e o propósito narrativo do projeto.

4.6. Identidade visual

A identidade visual do *Vozerio Feminino* foi pensada para refletir a força, a delicadeza e a ancestralidade das mulheres retratadas no podcast. A imagem central é um microfone estilizado com estampas inspiradas em tecidos e bordados típicos da cultura popular nordestina, remetendo ao trabalho manual e às tradições que atravessam gerações de mulheres. Os tons terrosos, como o marrom e o amarelo queimado, reforçam a conexão com a terra, com o sol e com os saberes enraizados no cotidiano do campo e das comunidades.

O padrão floral e simétrico que compõe o corpo do microfone lembra o cuidado dos detalhes presentes nos trabalhos feitos à mão, como o da rendeira, da costureira e da artesã. Já a base do microfone traz uma textura que lembra redes, tramas e linhas entrelaçadas, sugerindo o entrelaçamento das vozes femininas que sustentam

o projeto.

A tipografia é firme e clara, transmitindo segurança e presença. O fundo bege suave ajuda a destacar os elementos gráficos e dá um tom acolhedor e elegante à composição. A criação dessa identidade visual foi feita com o apoio de ferramentas digitais e de inteligência artificial, mas sempre guiada por uma sensibilidade estética que buscou representar visualmente a potência simbólica das mulheres entrevistadas.

Figura 4 Logomarca desenvolvida para o podcast e Aplicação da logomarca na interface do Spotify.



Fonte: Arquivo pessoal

4.7 Roteirização

A roteirização foi construída com base em uma escuta sensível e respeitosa de cada história. Ao longo do processo, buscou-se criar uma estrutura que acolhesse essas trajetórias com delicadeza, sem recorrer a modelos rígidos ou fórmulas prontas.

A base dos roteiros veio das entrevistas realizadas. Para elas, foi elaborado um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, pensado para orientar as entrevistas de forma leve e espontânea. Como dito anteriormente, as conversas aconteceram, na maioria das vezes, nos próprios espaços de trabalho das entrevistadas, lugares carregados de memória, cotidiano e identidade. Esse contato direto com os ambientes contribuiu para que as histórias fluíssem com mais naturalidade e verdade.

Já para os episódios, os roteiros foram construídos em duas etapas: primeiro foram escritas crônicas no formato clássico; e depois foi construído um roteiro adaptado para a linguagem sonora dos podcasts, levando em conta critérios como

ritmo de fala, melhor escolha de palavras e encadeamento de frases, respiros e previsões de inserção de efeitos sonoros.

4.8 Gravação e Edição

O processo de gravação dos episódios do podcast foi realizado no laboratório radiojornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em ambiente controlado de estúdio. Fizemos uma primeira gravação piloto para avaliar como ficaria e entendemos que deveríamos aprimorar a carga emotiva da narração e corrigir erros técnicos e de roteiros. Adaptamos os textos, ensaiamos as vozes e regravamos para garantir uma melhor qualidade e maior naturalidade na narração.

A edição dos episódios seguiu uma estrutura padrão, com o objetivo de organizar as narrações de forma clara, respeitosa e envolvente. O trabalho foi feito utilizando o aplicativo CapCut Pro, que permite cortes precisos, ajustes de volume e inserção de trilhas sonoras em diferentes momentos da narrativa.

Cada episódio começa com um vozerio, construído a partir de trechos em que as entrevistadas dizem seus nomes durante as gravações. Esse conjunto de vozes foi editado para compor uma abertura marcante e representativa do projeto. Em seguida, entra uma trilha sonora específica, usada apenas na apresentação do episódio, momento em que é contextualizado o conteúdo e anunciado o nome da personagem da vez.

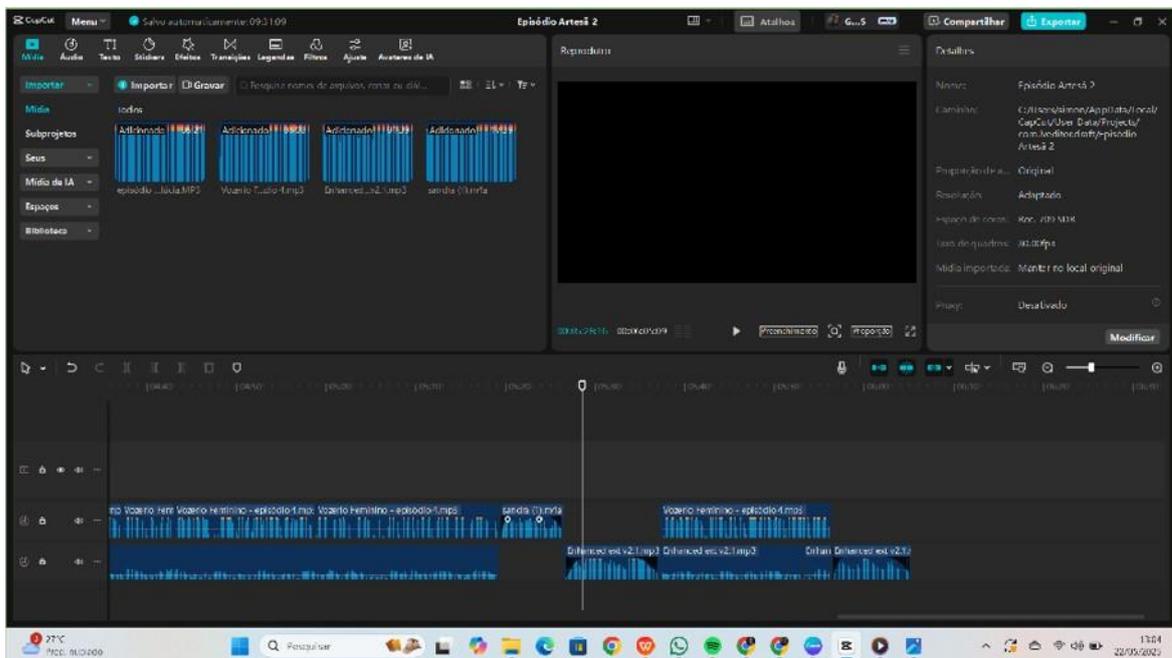
A partir do momento em que começa a narração da crônica, entra uma segunda trilha sonora, mais suave, diferente da usada na abertura. Essa trilha permanece como BG (background) durante toda a narração, com o volume reduzido, de forma a não interferir na escuta da voz principal. Antes disso, no momento em que a personagem é apresentada, não há trilha sonora, garantindo foco total na informação.

Ao final da narração, a trilha é interrompida para dar espaço à fala da entrevistada, um trecho escolhido por seu valor simbólico ou emocional. Durante essa parte, nenhuma trilha é utilizada, para preservar a naturalidade e a força da fala original. Assim que a entrevistada encerra sua fala, a trilha sonora volta a subir por alguns segundos e, em seguida, baixa novamente para acompanhar a narração de encerramento do episódio. O som de fundo permanece até o fim dessa narração, quando volta a subir para fechar o episódio com a mesma identidade sonora da abertura.

Durante todo o processo de edição, buscou-se manter uma estética simples, evitando sobrecarga de elementos sonoros. A ênfase foi sempre na voz das personagens e na clareza da narração, com o apoio das trilhas apenas como recurso complementar à experiência de escuta. Por isso optou-se por não utilizar ambientação sonora, pois percebemos que as vozes das entrevistadas, por si só, carregavam a expressividade necessária para sustentar a narrativa. Dessa forma, o foco permaneceu nas falas e nos silêncios, respeitando a potência da palavra.

Vale destacar que o *Vozerio Feminino* não foi inspirado diretamente em nenhum outro podcast. Após uma busca por referências semelhantes, percebemos uma vasta gama de podcasts dedicados a contar histórias, mas nenhum deles com proposta ou formato próximo ao desenvolvido aqui. Por isso, trata-se de um trabalho autoral, construído de forma original, com base na prática e na experimentação. A estrutura narrativa, a estética sonora e o modo de escutar foram sendo desenvolvidos ao longo do caminho, sempre guiados pelo compromisso de dar visibilidade e voz às mulheres retratadas.

Figura 5 Captura de tela do CapCut Pro, utilizado no processo de edição.



Fonte: Arquivo pessoal

4.9 Orçamento

DESCRIÇÃO	VALORES
Passagem ida CG - Maceió (Maria Januária e Maria Lúcia)	R\$ 150,00
Passagem volta Maceió - CG (Maria Januária e Maria Lúcia)	R\$ 150,00
Microfone de Lapela	R\$ 100,00
Passagem ida Maceió - Interior (Wanda)	R\$ 45,00
Passagem volta Interior - Maceió (Wanda)	R\$ 45,00
Transporte - feira da Pajuçara (ida e volta)	R\$ 20,00
Hospedagem (2 diárias)	R\$ 300,00
Transporte para gravação (Jerusa e Sandra Lúcia)	R\$ 30,00
Assinatura Capcut Pro (edição)	R\$ 45,00
TOTAL INVESTIDO	R\$ 885,00

4.10 Divulgação e Repercussão

A divulgação do podcast não é, necessariamente, uma etapa priorizada nesse estágio do projeto, mas entendemos que, mesmo assim, uma mínima movimentação em relação a isso seria importante. Por isso traçamos estratégias simples para experimentar o alcance. O foco esteve em canais acessíveis e com potencial de conexão mais próxima com o público.

Um dos principais meios utilizados foi a lista de transmissão no WhatsApp, que permitiu o envio dos episódios diretamente para pessoas interessadas, de maneira prática e pessoal. A cada lançamento, os contatos da lista recebiam o link acompanhado de uma breve apresentação do conteúdo. Esse formato possibilitou uma divulgação instantânea e retorno rápido do público.

Além disso, foram produzidos e distribuídos cartazes nas dependências da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Eles foram fixados em locais estratégicos de grande circulação, como corredores, murais informativos e espaços coletivos. Os cartazes contavam com elementos visuais do podcast, informações sobre os episódios e um QR Code para acesso fácil ao conteúdo. Outra frente importante foi a utilização dos stories no Instagram, por meio de uma conta pessoal. Esse canal permitiu avaliar o interesse das pessoas mais próximas. A divulgação foi feita de forma

simultânea com a publicação dos episódios, sendo a primeira postagem numa sexta, e as demais às terças e quintas, sempre às 18 horas.

Figura 6 Captura de tela do post de divulgação da lista de transmissão do whatsapp; Cartaz de divulgação físico.; Captura de tela do cartaz de divulgação para stories do Instagram.



Fonte: Arquivo pessoal

A publicação do podcast Vozerio Feminino gerou retornos importantes tanto em termos de alcance quanto de envolvimento com o público. Os dados obtidos via Spotify for Podcasters, apresentados a seguir por meio de imagens e gráficos, refletem o interesse despertado pelo projeto num espaço de tempo de 15 dias¹.

Não pretendemos fazer uma análise aprofundada desses dados, mas apenas observar como o produto circulou nesse curto espaço de tempo e trazer uma amostra da repercussão. Em 15 dias foram 152 reproduções e o alcance foi de 141 pessoas - sendo o alcance relativo ao número de pessoas para quem o programa apareceu no Spotify². Já o número de pessoas interessadas foi de 40 - isso significa que este foi o número de pessoas que de fato interagiram de alguma forma com as publicações. E

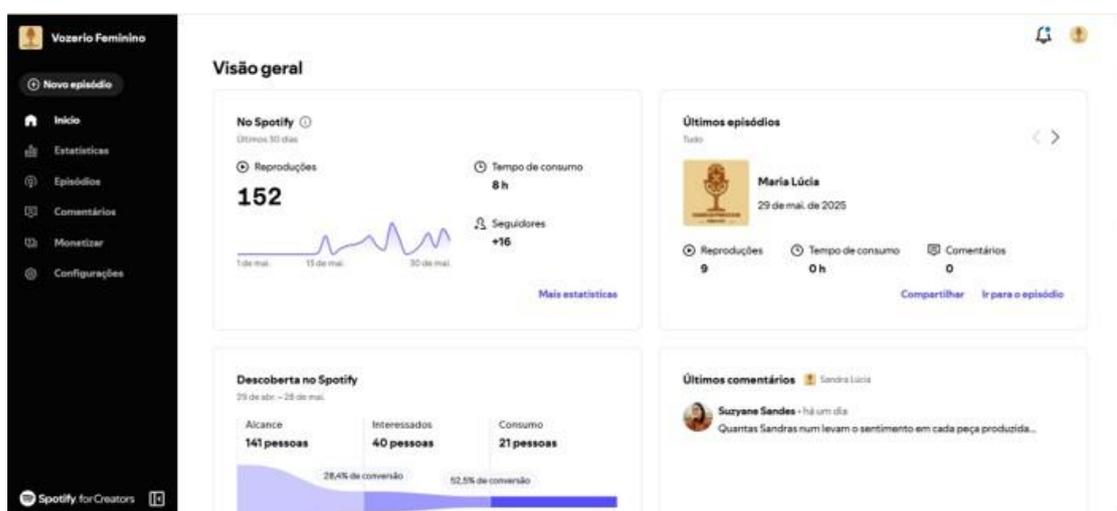
¹ Os gráficos refletem os números do período de um mês (29 de abril a 28 de maio), porém, o primeiro episódio foi publicado somente no dia 16, de forma que os números refletem, de fato, um espaço de tempo de 15 dias.

² Entenda as métricas de descoberta de público no Spotify. Disponível em: <https://support.spotify.com/br-pt/creators/article/understanding-impressions/>

por fim, foram 21 ouvintes - pessoas que ouviram de fato por pelo menos 60 segundos.

O engajamento foi tímido, - pois precisaria de uma estratégia mais elaborada de divulgação para aumentar seu alcance - mas positivo, revelando um potencial de impacto e conexão com o público. A repercussão se deu também pelo retorno afetivo de ouvintes, que enviaram mensagens, compartilharam episódios e demonstraram identificação com as histórias contadas.

Figura 7 Captura de tela do painel do Spotify for Podcasters.



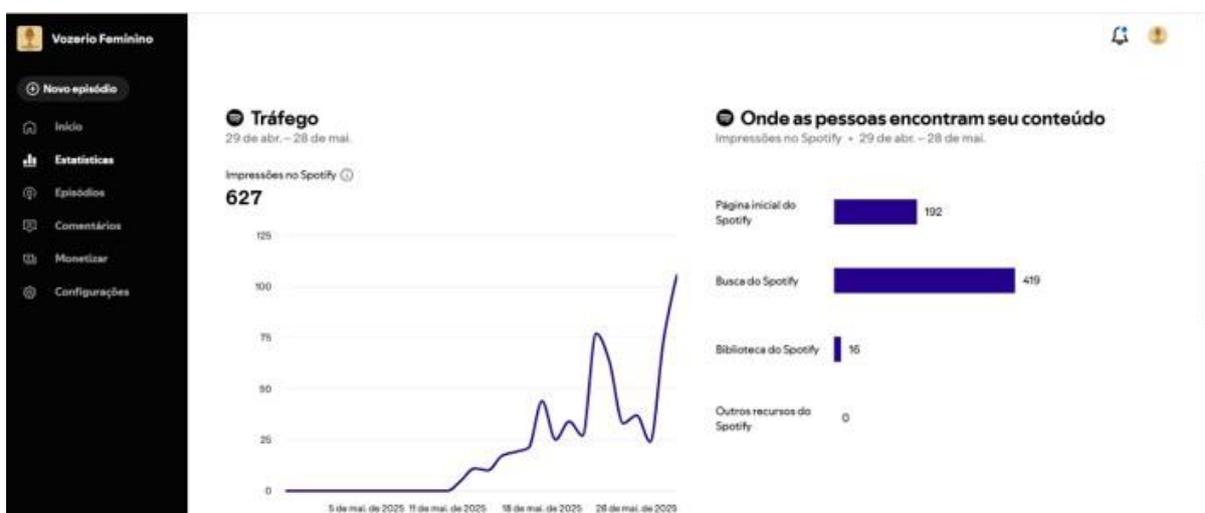
Tela da área de análise da plataforma, mostrando o número total de reproduções (152), tempo de consumo (8 horas), aumento de seguidores (+16), dados do último episódio publicado com 141 pessoas alcançadas, 40 interessadas e 21 ouvintes efetivos.

Os dados sobre o tráfego trazem algo importante: as impressões. Trata-se da quantidade de vezes que alguém vê o programa ou episódio, isso não representa a escuta, mas a visibilidade. As impressões vem de: recomendações, programas ouvidos recentemente e prévias (Janela de "Início" do aplicativo); de programas ou episódios salvos e playlists criados por usuários (janela de "biblioteca"); e de buscas. Foram 627 impressões no total, sendo 192 pela página inicial, 16 pela biblioteca e 419 por meio da busca.

Fazendo uma análise rápida, os dados de busca nos mostram que a maioria das pessoas chegou ao podcast de forma ativa e isso revela um potencial relevante de interesse orgânico. Já os dados de página inicial - quando o podcast é sugerido automaticamente pela plataforma com base no algoritmo - embora menos expressivos, também revelam um interessante potencial de alcance espontâneo. E as baixas impressões vindas pela biblioteca reafirmam o que havíamos destacado: a necessidade de estratégias de divulgação.

Esses dados são importantes para pensar a capacidade de circulação de produtos culturais em plataformas digitais. Mesmo com um número modesto de ouvintes, esse alcance deve ser valorizado diante de um contexto de produção independente e divulgação restrita. Além de que, o fato da maioria das impressões virem da busca ativa, demonstra que há um público interessado nas temáticas abordadas.

Figura 8 Captura de tela de fontes de tráfego e descoberta do podcast.



Exibição das impressões (627) e dos canais de descoberta do conteúdo na plataforma, destacando que a maioria dos acessos veio da busca no Spotify (419), seguida pela página inicial (192) e pela biblioteca (16).

O podcast Vozerio Feminino está finalizado e disponível na plataforma Spotify³, com cinco episódios publicados. A versão final do produto contou com ajustes de edição, trilhas sonoras originais, identidade visual própria e publicação em canal exclusivo. A distribuição foi feita de forma aberta, com o objetivo de alcançar diferentes públicos e facilitar o acesso.

³ Podcast Vozerio Feminino. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/17RBWU9v5PgFadIE9GX7Y?si=132c059ea15f4371>

5. CRONOGRAMA DO PROJETO

ETAPAS	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Planejamento	X										
Pesquisa		X	X								
Levantamento bibliográfico		X	X	X			X	X			
Roteiros entrevistas			X								
Entrevistas - AL			X			X					
Entrevistas - CG								X			
Redação das crônicas								X	X		
Adaptação de roteiros									X		
Gravação									X	X	
Edição										X	
Identidade visual										X	
Publicação ⁴										X	
Divulgação										X	
Escrita do relatório								X	X	X	
Defesa do projeto											X

⁴ Os episódios foram lançados nos dias 16, 20, 22, 27 e 29 de maio de 2025.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu do desejo de reconhecer e valorizar mulheres cujas histórias, apesar de fundamentais para a vida de suas comunidades, raramente encontram espaço na mídia ou nos registros oficiais. Ao longo da produção do podcast *Vozerio Feminino*, foi possível perceber como o jornalismo pode ser mais do que um relato objetivo: pode ser também espaço de afeto, de memória e de reparação simbólica.

A proposta de transformar relatos de vida em crônicas sonoras permitiu a construção de narrativas que respeitam os silêncios, os detalhes e os modos próprios de cada entrevistada contar sua história. Ao escutar essas mulheres, o projeto se aproximou de uma prática jornalística que não se limita à apuração de dados, mas que se interessa pelo tempo da escuta, pela delicadeza das relações e pelo cuidado com a palavra.

O processo foi atravessado por desafios, como a logística das entrevistas presenciais, a limitação de recursos e as dificuldades técnicas com gravação e edição. Ainda assim, cada obstáculo enfrentado serviu como aprendizado. A escuta nos espaços onde essas mulheres vivem e trabalham ensinou que o jornalismo, quando feito com respeito e atenção, pode criar conexões genuínas entre quem conta e quem ouve.

Do ponto de vista teórico, o projeto dialoga com autoras que refletem criticamente sobre as intersecções entre gênero, trabalho e comunicação. Bell Hooks, Guacira Lopes Louro, Heleieth Saffioti e Kimberlé Crenshaw ajudaram a pensar a importância de olhar para as experiências das mulheres que estão fora do centro: mulheres mais experientes, de territórios rurais ou periféricos, com saberes construídos longe dos espaços formais de reconhecimento. No campo da comunicação, estudiosos como Felipe Pena, João Canavilhas e outros ajudaram a refletir sobre as possibilidades narrativas do jornalismo contemporâneo, especialmente dentro dos formatos digitais.

A escolha por um podcast curto, com linguagem acessível e conduzido por uma narradora em tom íntimo, buscou criar uma experiência de escuta que fosse ao mesmo tempo informativa e emocional. O objetivo não era explicar, mas fazer sentir, e assim valorizar os gestos cotidianos, os saberes manuais, as trajetórias de vida que,

mesmo simples à primeira vista, carregam força, resistência e dignidade.

O podcast deixa como legado um relevante arquivo de memórias que, agora digitalizadas, seguem disponíveis para quem quiser ouvir. Mais do que informar, *Vozerio Feminino* quis tocar, provocar e, acima de tudo, reconhecer. Diante disso, reafirma-se o papel social do jornalismo como um campo que pode, e deve, acolher as vozes de quem quase nunca é ouvido. Aquelas que, mesmo sem oportunidade, sempre tiveram o que dizer.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, **Nenhuma entrada de sumário foi encontrada.** Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1999.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século 21:** literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Summus, 2015. Disponível em: <https://pt.everand.com/book/405822895/Jornalismo-cultural-no-seculo-21-Literatura-artes-visuais-teatro-cinema-musica-A-historia-as-novas-plataformas-o-ensino-e-as-tendencias-na-pra> . Acesso em: 29 maio 2025.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro.** São Paulo: Peirópolis, 2006. Disponível em: https://www.desvirtual.com/thebook/o_livro_depois_do_livro.pdf . Acesso em: 29 maio 2025.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** Humanidades, v. 4, n. 6, p. 11-21, 1988. Disponível em: culturaemarxismo.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf . Acesso em: 29 maio 2025.

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo:** 7 características que marcam a diferença. Covilhã: LabCom Books, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/28028982/CANCLINI_N%C3%A9stor_Garc%C3%ADa_Culturas_h%C3%ADbridas_estrat%C3%A9gias_para_entrar_e_sair_da_modernidade_Trad_Helo%C3%ADsa_P_Cintr%C3%A3o_e_Ana_Regina_Lessa_2_ed_S%C3%A3o_Paulo_Edusp_1998_392p . Acesso em: 29 maio 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/28028982/CANCLINI_N%C3%A9stor_Garc%C3%ADa_Culturas_h%C3%ADbridas_estrat%C3%A9gias_para_entrar_e_sair_da_modernidade_Trad_Helo%C3%ADsa_P_Cintr%C3%A3o_e_Ana_Regina_Lessa_2_ed_S%C3%A3o_Paulo_Edusp_1998_392p . Acesso em: 29 maio 2025.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas:** teoria, prática e experiências. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CASTELLS, Manuel. **Comunicação e poder.** Tradução de Klaas Hubner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex:** A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: eaidnbmnnnibpcajpcgclclefindmkaj/https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf Acesso em: 29 maio 2025.

GÓMEZ BRAVO, José Manuel. **La radio, una industria cultural de derechos en continua innovación.** In: CONGRESO INTERNACIONAL DE RADIO,

2024, Barcelona. Anais [...]. Barcelona: Cadena SER, 2024. Disponível em: <https://cadenaser.com/nacional/2024/11/16/el-congreso-internacional-de-radio-reune-a-expertos-para-analizar-y-debatir-sobre-el-presente-y-futuro-del-medio-en-barcelon-a-cadena-ser/> . Acesso em: 29 maio 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-n-a-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf . Acesso em: 29 maio 2025.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: <https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/downloadArquivo.jsf;jsessionid=1A960EA0070E0FEF1380130FD08C12EC?nomeArquivo=678-03062021-193%20913.pdf&diretorio=documentos&id=678&contexto=ciclododebatesfeminismo2021> Acesso em: 29 maio 2025.

HOOKS, Bell. **Não Sou Eu Uma Mulher? Mulheres Negras e Feminismo**. Tradução disponível em: https://plataformagueto.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf . Acesso em: 29 maio 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/33851583/Cultura da Convergencia Henry Jenkins](https://www.academia.edu/33851583/Cultura_da_Convergencia_Henry_Jenkins) . Acesso em: 29 maio 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ag_o_15.pdf . Acesso em: 29 maio 2025.

PEREIRA, Fabio Henrique. **A entrevista no jornalismo brasileiro**: uma revisão de estudos. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 139-149, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p139/35862> . Acesso em: 29 maio 2025.

PESSA, Bruno. **Para compreender o jornalismo literário e suas manifestações**. Brazilian Journalism Research, v. 20, n. 1, p. 1-26, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bjr/a/hc5dGPfr35HhhzNhQ4BCFgc/> . Acesso em: 29 maio 2025.

PESSOA, Marcelo. **Crônica-canção**: verbete linguístico no Wikcionário. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/50598756/CR%C3%94NICA_CAN%C3%87%C3%83O_Verbete_Lingu%C3%ADstico_no_Wikicion%C3%A1rio . Acesso em: 29 maio 2025.

PINTO, Cândida Martins. **Gênero entrevista**: conceito e aplicação no ensino de

português para estrangeiros. Revista da ABRALIN, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 183-203, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/958/885> . Acesso em: 29 maio 2025.

REVISTA DE HISTÓRIA. **História e cultura sonora**: a historicização das escutas e dos sons. Revista de História, n. 182, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/7hFySRqghwT7Hx3tKmb9kYd/?lang=pt> . Acesso em: 29 maio 2025.

ROBERTSON, Roland. **Glocalização**: o difícil diálogo entre o global e o local. Mulemba, n. 3, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mulemba/203> . Acesso em: 29 maio 2025.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classe**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/44540651/Heleieth_Saffioti_A_mulher_na_sociedade_de_classes_Mito_e_realidade . Acesso em: 29 maio 2025.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica**: uma intersecção entre o jornalismo e literatura. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf> . Acesso em: 29 maio 2025.

ZANETTI, Nayara; REIS, Marco Aurélio; BARBOSA, Rodrigo. **A crônica do século XXI para além do espaço delimitado no jornal**: uma análise do gênero crônica nas linguagens digitais. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 47^º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Univali, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/07212024194450669d8f62dc896.pdf> . Acesso em: 29 maio 2025.

APÊNDICE A - CRÔNICA ORIGINAL EPISÓDIO 1 - Wanda

As manhãs de Maceió, em Alagoas, nascem devagar. O vento que sopra do mar encontra os telhados das casas e os corpos ainda sonolentos que despertam com o barulho das marés. No quintal de Wanda, porém, o tempo já acordou há muito tempo. Ele está ali, emaranhado nos fios que se estendem sobre o tear, esperando pelas mãos que lhe darão forma.

Wanda nasceu de mãos inquietas. Desde menina, viu a mãe entrelaçar fios, moldar tramas, criar desenhos que não precisavam de papel para existir. Aprendeu cedo que não há espera para quem tem pressa de viver. A mãe nunca esperou. Wanda também não. O filé veio como uma herança que não se pede, um destino que se instala na ponta dos dedos e nunca mais se solta.

A infância foi um bordado de lembranças. O som das conversas baixas, o cheiro da linha recém-tingida, a textura do tecido entre os dedos. O filé, antes de ser renda, era suor. Antes de ser peça, era paciência. Wanda entendeu isso cedo, quando as mãos pequenas erravam os primeiros pontos e a mãe corrigia com um olhar. O erro não podia permanecer. A trama tinha que ser firme.

O tempo ensinou que o filé é mais do que um trabalho. É um modo de existir. Wanda nunca se permitiu depender de uma única coisa. Enquanto crescia, aprendeu que a arte e o estudo poderiam caminhar juntos, como fios paralelos que se entrelaçam sem perder a direção. Tornou-se professora. Mas nunca deixou de ser rendeira.

A vida se constrói com escolhas. Wanda escolheu não esperar. Quando percebeu que ensinar era belo, mas não bastava, voltou-se ao filé com o mesmo olhar de quem não admite desistência. O filé a sustentou quando a profissão falhou, quando os meses passaram sem salário, quando a comida na mesa precisou vir daquilo que suas mãos eram capazes de criar.

Aprendeu a ser independente como quem aprende a respirar. O filé permitiu isso. Com ele, comprou a casa, garantiu o estudo dos filhos, traçou o próprio caminho sem precisar pedir passagem. Para Wanda, o filé não era apenas uma renda delicada. Era um pacto silencioso entre ela e o tempo.

As cores dançavam diante de seus olhos, e ela sabia como combiná-las sem hesitar. Criava padrões que ninguém mais fazia. O filé da sua mãe já era belo, mas o seu era diferente. Não seguia apenas a tradição. Wanda inovava. Tecia imagens onde

antes havia apenas repetições. Criava formas que pareciam nascer sozinhas do tecido, como se tivessem estado ali o tempo todo, apenas esperando que alguém as revelasse.

O tempo se dissolvia enquanto bordava. Cada ponto era um pensamento. Cada trama, uma história. Wanda passava os dias sentada diante do tear, sem pressa. A filha observava de longe, perguntava quando aquilo se tornaria cansativo. Wanda sorria. O cansaço vinha quando se parava. Não enquanto as mãos ainda encontrassem fios para entrelaçar.

Wanda nunca gostou de depender de ninguém. Desde jovem, recusava ajudas que pareciam mais dívidas do que gestos. Preferia o caminho solitário, aquele que garantia que ninguém poderia lhe tirar o que era seu. Foi assim que cresceu. Foi assim que viveu.

Com o tempo, o nome Wanda tornou-se maior que ela. Ninguém a chamava por Ivanilda. Se ouvia, não reconhecia. Para a cidade, para os clientes, para os gerentes de hotel que a recebiam com respeito, ela era Wanda do filé.

No começo, achava graça. Depois, cansou. Quem era ela além do filé? Wanda questionava se havia sido consumida por sua própria arte. Se sua identidade estava dissolvida nos fios que vendia, se sua história havia se tornado apenas as peças que produzia. Mas então, quando se sentava diante do tear e passava os dedos sobre o tecido em construção, a dúvida se dissipava.

Ela era Wanda. Wanda rendeira. E não queria ser outra coisa.

A vida poderia ter seguido outro caminho. Poderia ter deixado o filé para trás, seguido apenas na sala de aula, escolhido outro destino. Mas Wanda não pertencia a um mundo sem fios, sem cores, sem a precisão do ponto perfeito.

Mesmo agora, depois de tantos anos, ainda se sente inquieta quando não está bordando. As ideias surgem antes mesmo de tocar no tear. Sonha com desenhos novos, lembra sabendo exatamente o que quer criar.

O filé, esse que lhe deu sustento, independência e nome, não a abandonou. E ela também não pretende deixá-lo. Vai bordar enquanto houver tecido. Vai criar enquanto houver cor. Vai tecer enquanto o tempo permitir. Porque o último ponto nunca chega.

APÊNDICE B - ROTEIRO ADAPTADO EPISÓDIO 1 - Wanda

[SONORA VOZARIO - FADE OUT]

[ENTRA VINHETA DE ABERTURA - FADE IN]

BLOCO 1 – ABERTURA [COM BG PADRÃO]:

SEJAM BEM-VINDAS AO VOZARIO FEMININO, UM PODCAST SOBRE MULHERES QUE RESISTEM E TRANSFORMAM O MUNDO POR MEIO DO TRABALHO. EU SOU GABRIELLY FARIAS, E AQUI DOU VOZ A HISTÓRIAS DE QUEM ENFRENTA OS DESAFIOS DO COTIDIANO COM CORAGEM E DETERMINAÇÃO. HÁ CADA EPISÓDIO, UMA NOVA MULHER SE JUNTA A ESSE RIO DE LUTA E PERSISTÊNCIA. ESTE É O VOZARIO FEMININO: HISTÓRIAS REAIS, INSPIRADORAS E NECESSÁRIAS.

E HOJE VAMOS CONHECER WANDA DO FILÉ

[SEM TRILHA/BG] UMA RENDEIRA QUE FAZ DO SEU TRABALHO UM ATO DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

BLOCO 2 – CRÔNICA

[ENTRA TRILHA 2/BG]

NARRADORA (VOZ TRANQUILA, RITMO SERENO):

AS MANHÃS DE MACEIÓ, EM ALAGOAS, NASCEM DEVAGAR./ **(PAUSA LEVE)**
O VENTO QUE SOPRA DO MAR ENCONTRA OS TELHADOS DAS CASAS E OS CORPOS AINDA SONOLENTOS QUE DESPERTAM COM O BARULHO DAS MARÉS./ **(PAUSA)**

NO QUINTAL DE WANDA, PORÉM... O TEMPO JÁ ACORDOU HÁ MUITO TEMPO./ **(PAUSA DRAMÁTICA)**

ELE ESTÁ ALI, EMARANHADO NOS FIOS QUE SE ESTENDEM SOBRE O TEAR, ESPERANDO PELAS MÃOS QUE LHE DARÃO FORMA./

NARRADORA (COM DELICADEZA E ADMIRAÇÃO):

WANDA NASCEU DE MÃOS INQUIETAS./
DESDE MENINA, VIU A MÃE ENTRELAÇAR FIOS, MOLDAR TRAMAS, CRIAR DESENHOS QUE NÃO PRECISAVAM DE PAPEL PARA EXISTIR./ **(PAUSA CURTA)**

APRENDEU CEDO QUE NÃO HÁ ESPERA PARA QUEM TEM PRESSA DE VIVER./ **(PAUSA)**

A MÃE NUNCA ESPEROU./ WANDA TAMBÉM NÃO./

O FILÉ VEIO COMO UMA HERANÇA QUE NÃO SE PEDE,
UM DESTINO QUE SE INSTALA NA PONTA DOS DEDOS E NUNCA MAIS SE SOLTA./

NARRADORA (VOZ NOSTÁLGICA):

A INFÂNCIA FOI UM BORDADO DE LEMBRANÇAS./
O SOM DAS CONVERSAS BAIXAS,
O CHEIRO DA LINHA RECÉM-TINGIDA,
A TEXTURA DO TECIDO ENTRE OS DEDOS./ **(PAUSA LEVE)**
O FILÉ, ANTES DE SER RENDA, ERA SUOR./
ANTES DE SER PEÇA, ERA PACIÊNCIA./

NARRADORA (VOZ MAIS FIRME):

WANDA ENTENDEU ISSO CEDO,
QUANDO AS MÃOS PEQUENAS ERRAVAM OS PRIMEIROS PONTOS E A MÃE
CORRIGIA COM UM OLHAR./ **(PAUSA CURTA)**
O ERRO NÃO PODIA PERMANECER./ A TRAMA TINHA QUE SER FIRME./

NARRADORA (COM REVERÊNCIA):

O TEMPO ENSINOU QUE O FILÉ É MAIS DO QUE UM TRABALHO./
É UM MODO DE EXISTIR.
WANDA NUNCA SE PERMITIU DEPENDER DE UMA ÚNICA COISA./
ENQUANTO CRESCIA, APRENDEU QUE A ARTE E O ESTUDO PODIAM
CAMINHAR JUNTOS,
COMO FIOS PARALELOS QUE SE ENTRELAÇAM SEM PERDER A DIREÇÃO./
(PAUSA LEVE)
TORNOU-SE PROFESSORA./
MAS NUNCA DEIXOU DE SER RENDEIRA./

NARRADORA (VOZ DECIDIDA):

A VIDA SE CONSTRÓI COM ESCOLHAS./
WANDA ESCOLHEU NÃO ESPERAR./ **(PAUSA CURTA)**
QUANDO PERCEBEU QUE ENSINAR ERA BELO, MAS NÃO BASTAVA,
SE VOLTOU AO FILÉ COM O MESMO OLHAR DE QUEM NÃO ADMITE
DESISTÊNCIA./ **(PAUSA)**
O FILÉ A SUSTENTOU QUANDO A PROFISSÃO FALHOU, QUANDO OS MESES
PASSARAM SEM SALÁRIO,
QUANDO A COMIDA NA MESA PRECISOU VIR DAQUILO QUE SUAS MÃOS
ERAM CAPAZES DE CRIAR./

NARRADORA (VOZ MAIS INTENSA):

APRENDEU A SER INDEPENDENTE COMO QUEM APRENDE A RESPIRAR./
O FILÉ PERMITIU ISSO./ **(PAUSA CURTA)**
COM ELE, COMPROU A CASA,
GARANTIU O ESTUDO DOS FILHOS,
TRAÇOU O PRÓPRIO CAMINHO SEM PRECISAR PEDIR PASSAGEM./

NARRADORA (VOZ CONTEMPLATIVA, MAIS POÉTICA):

PARA WANDA, O FILÉ NÃO ERA APENAS UMA RENDA DELICADA./
ERA UM PACTO SILENCIOSO ENTRE ELA E O TEMPO./

NARRADORA (VOZ MAIS ENCANTADA):

AS CORES DANÇAVAM DIANTE DE SEUS OLHOS, E ELA SABIA COMO
COMBINÁ-LAS SEM HESITAR./ CRIAVA PADRÕES QUE NINGUÉM MAIS FAZIA./
(PAUSA LEVE)

O FILÉ DA SUA MÃE JÁ ERA BELO, MAS O SEU ERA DIFERENTE./
NÃO SEGUIA APENAS A TRADIÇÃO./

NARRADORA (TOM DE ORGULHO):

WANDA INOVAVA./
TECIA IMAGENS ONDE ANTES HAVIA APENAS REPETIÇÕES./
CRIAVA FORMAS QUE PARECIAM NASCER SOZINHAS DO TECIDO COMO SE
TIVESSEM ESTADO ALI O TEMPO TODO,
APENAS ESPERANDO QUE ALGUÉM AS REVELASSE./

[TRILHA SUAVIZA, TOM DE INTROSPECÇÃO]**NARRADORA (VOZ SUAVE, PAUSADA):**

O TEMPO SE DISSOLVIA ENQUANTO BORDAVA./
CADA PONTO ERA UM PENSAMENTO./
CADA TRAMA, UMA HISTÓRIA./ **(PAUSA)**
WANDA PASSAVA OS DIAS SENTADA DIANTE DO TEAR, SEM PRESSA./ A
FILHA OBSERVAVA DE LONGE,
PERGUNTAVA QUANDO AQUILO SE TORNARIA CANSATIVO./ **(PAUSA CURTA)**
WANDA SORRIA./ O CANSAÇO VINHA QUANDO SE PARAVA./
NÃO ENQUANTO AS MÃOS AINDA ENCONTRASSEM FIOS PARA
ENTRELAÇAR./

NARRADORA (TOM MAIS FIRME, RESPEITOSO):

WANDA NUNCA GOSTOU DE DEPENDER DE NINGUÉM./
DESDE JOVEM, RECUSAVA AJUDAS QUE PARECIAM MAIS DÍVIDAS DO QUE
GESTOS./
PREFERIA O CAMINHO SOLITÁRIO,
AQUELE QUE GARANTIA QUE NINGUÉM PODERIA LHE TIRAR O QUE ERA
SEU./
(PAUSA LEVE)
FOI ASSIM QUE CRESCER./ FOI ASSIM QUE VIVEU./

NARRADORA (VOZ COM CARINHO):

COM O TEMPO, O NOME WANDA SE TORNOU MAIOR QUE ELA./ NINGUÉM A
CHAMAVA POR IVANILDA./ **(PAUSA CURTA)**

SE OUVIA, NÃO RECONHECIA./
PARA A CIDADE, PARA OS CLIENTES, PARA OS GERENTES DE HOTEL QUE A
RECEBIAM COM RESPEITO,/ ELA ERA WANDA DO FILÉ./

NARRADORA (VOZ REFLEXIVA):

NO COMEÇO, ACHAVA GRAÇA./ DEPOIS, CANSOU./ **(PAUSA)**
QUEM ERA ELA ALÉM DO FILÉ?/
WANDA QUESTIONAVA SE HAVIA SIDO CONSUMIDA POR SUA PRÓPRIA
ARTE./
SE SUA IDENTIDADE ESTAVA DISSOLVIDA NOS FIOS QUE VENDIA,
SE SUA HISTÓRIA HAVIA SE TORNADO APENAS AS PEÇAS QUE PRODUZIA./
(PAUSA LEVE)
MAS ENTÃO, QUANDO SE SENTAVA DIANTE DO TEAR
E PASSAVA OS DEDOS SOBRE O TECIDO EM CONSTRUÇÃO, A DÚVIDA SE
DISSIPAVA./

NARRADORA (VOZ SUAVE, SEGURA):

ELA ERA WANDA./ WANDA RENDEIRA./
E NÃO QUERIA SER OUTRA COISA./

NARRADORA (TOM DE ENCERRAMENTO, COM EMOÇÃO SERENA):

A VIDA PODERIA TER SEGUIDO OUTRO CAMINHO./ PODERIA TER DEIXADO O
FILÉ PARA TRÁS, SEGUIDO APENAS NA SALA DE AULA,
ESCOLHIDO OUTRO DESTINO./ **(PAUSA LEVE)**
MAS WANDA NÃO PERTENCIA A UM MUNDO SEM FIOS, SEM CORES,
SEM A PRECISÃO DO PONTO PERFEITO./

NARRADORA (COM AFETO):

MESMO AGORA, DEPOIS DE TANTOS ANOS,
AINDA SE SENTE INQUIETA QUANDO NÃO ESTÁ BORDANDO./ AS IDEIAS
SURGEM ANTES MESMO DE TOCAR NO TEAR./
SONHA COM DESENHOS NOVOS,
ACORDA SABENDO EXATAMENTE O QUE QUER CRIAR./

NARRADORA (VOZ EMOCIONADA, TOM FINAL):

O FILÉ, ESSE QUE LHE DEU SUSTENTO, INDEPENDÊNCIA E NOME, NÃO A
ABANDONOU./
E ELA TAMBÉM NÃO PRETENDE DEIXÁ-LO./ **(PAUSA POÉTICA)**
VAI BORDAR ENQUANTO HOUVER TECIDO./ VAI CRIAR ENQUANTO HOUVER
COR./
VAI TECER ENQUANTO O TEMPO PERMITIR./ PORQUE O ÚLTIMO PONTO...
NUNCA CHEGA./

**[ENTRA SONORA DA ENTREVISTADA - SEM BG] [SOBRE TRILHA DE
ENCERRAMENTO]**

BLOCO 3 – ENCERRAMENTO (45S)**NARRADORA:**

A HISTÓRIA DE WANDA É COMO TANTAS OUTRAS QUE QUASE SE PERDEM NO TEMPO...

MAS AQUI, ELA PERMANECE VIVA./ ECOA./ RESISTE.

SE VOCÊ GOSTOU DESSA HISTÓRIA,/ COMPARTILHA COM QUEM TAMBÉM VAI SE EMOCIONAR./

E ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO DO VOZARIO FEMININO. OBRIGADA POR ESCUTAR COM O CORAÇÃO.